

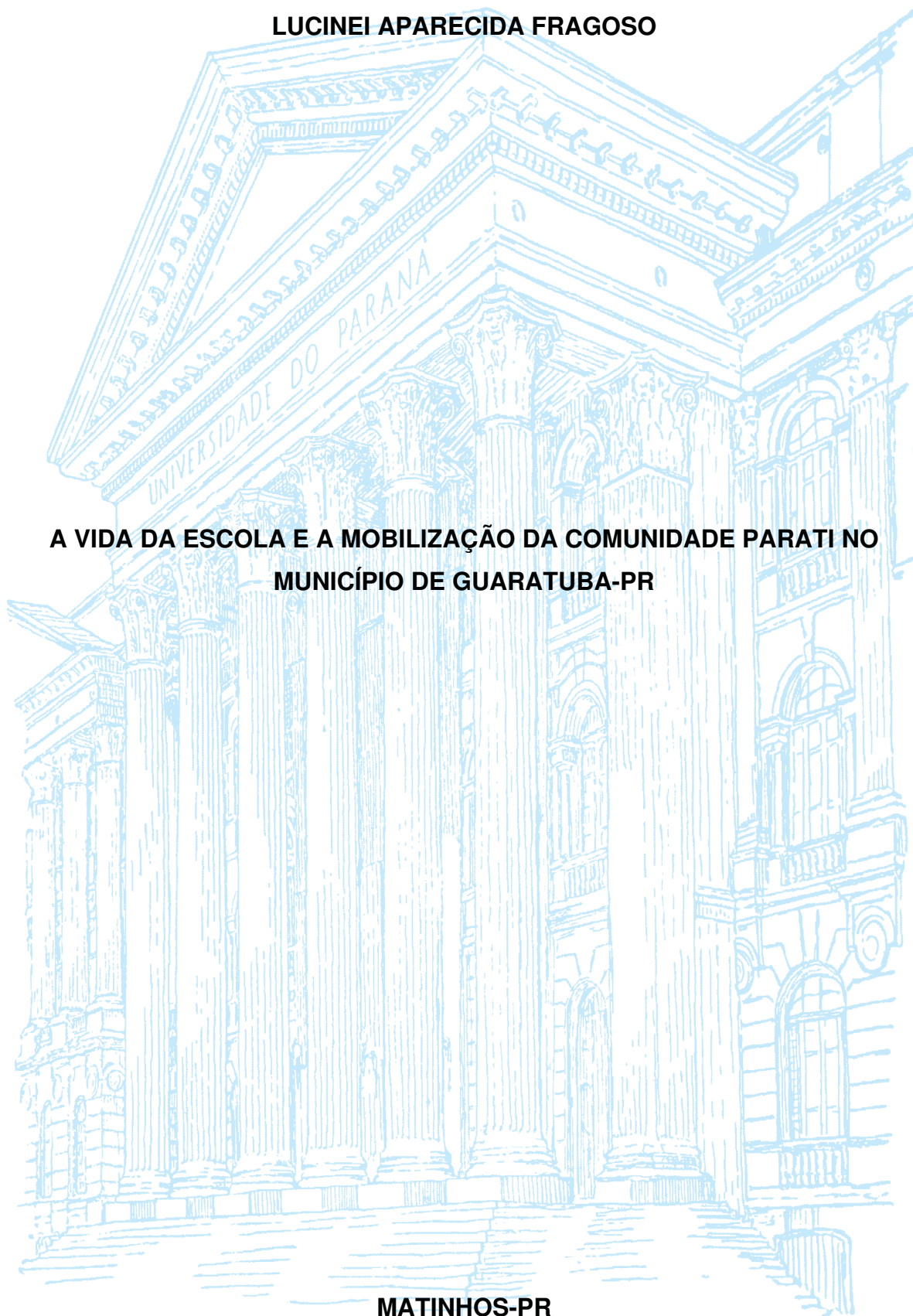
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUCINEI APARECIDA FRAGOSO**

**A VIDA DA ESCOLA E A MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARATI NO  
MUNICÍPIO DE GUARATUBA-PR**

**MATINHOS-PR**

**2020**



**LUCINEI APARECIDA FRAGOSO**

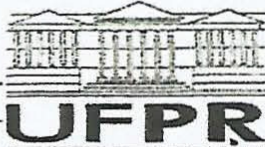
**A VIDA DA ESCOLA E A MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARATI NO  
MUNICÍPIO DE GUARATUBA-PR**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof. Esp. Josililian Alberton

**MATINHOS-PR**

**2020**

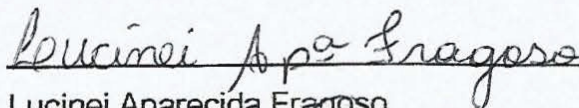


**TERMO DE APROVAÇÃO**

**LUCINEI APARECIDA FRAGOSO**

**A VIDA DA ESCOLA E A MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARATI NO MUNICÍPIO  
DE GUARATUBA-PR**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

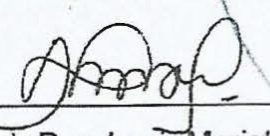


Lucinei Aparecida Fragoso

  
\_\_\_\_\_

Prof(a). Esp. Josillian Alberton

Orientadora

  
\_\_\_\_\_

Prof(a). Dra. Lenir Maristela Silva

  
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Valentim da Silva

Matinhos, 06 de dezembro de 2019.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse Protocolo necessário a todos que são verdadeiros Especialistas sem diplomas, aqueles que possuem uma enorme Sabedoria e que não necessariamente precisam das formalidades, apenas de reconhecimento.

Dedico também a todas as mulheres, todas fundamentais para ativarmos o Sagrado Feminino através da educação emancipatória.

## AGRADECIMENTOS

Meu mais sincero e pleno agradecimento a todos os Educadores que encontrei nessa linda caminhada, pois transformaram meu jeito de pensar e agir, ativando em mim sentimentos de amor, gentileza, poesias e encantos.

À Deus, essa força Universal que se mostra em tudo que eu me disponho a enxergar com a alma e coração.

Agradeço infinitamente a minha família genética, meu porto seguro, pois sei que posso voltar até eles quando a caminhada estiver difícil e eles estarão me esperando de braços abertos.

Gratidão à Comunidade Salto Parati que me acolheu, ao Nereu esse Ser Humano super visionário que sempre deu apoio pra que minha pesquisa acontecesse da melhor forma, muitas vezes o tomei como inspiração.

Imensamente Agradecida a minha amada amiga Ariadne, que deixou minha caminhada mais leve em todo o período ANE e que seguimos unidas pra vida.

Às queridas amigas Lisa, Mariama e Renata que representam Palhoça-SC, pela Força, Companheirismo, Resiliência e Resistência que sempre vi estampado em seus rostos e corações sempre me inspirando.

Ao Renan e Samuel que me surpreendem a cada dia com toda sabedoria, amor e autonomia que carregam e que me fazem sentir que valeu a pena cada gota salgada que derramei, fosse de suor ou de lágrimas quando a exaustão me alcançava.

Por fim agradeço a cada Ser de Luz diga-se amigos e até mesmo aqueles que não estão na luz ainda, que encontrei nesse último ano, pois levaram ao “Despertar” de minha consciência.

*Se a Injustiça é parte do inevitável atrito  
no funcionamento da máquina  
governamental, então, que se  
transgrida a lei. Faça da sua vida um  
contra - atrito que pare a máquina.  
O que preciso fazer é cuidar para que  
de modo algum eu participe das  
misérias que condeno.*

Henry David Thoreau

## RESUMO

O diálogo que estabelecerei na escrita que constitui o relato de minhas vivências e aprendizados na Especialização em Alternativas para uma Nova Educação - ANE cito diálogo porque entendo como algo mais que uma simples conversa, pois aprendi com Paulo Freire (2003), “quem dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa”, sendo assim estabeleço meu pensamento fundamentado com a prática e se entrelaçando com o olhar crítico do sujeito que agora lê minhas experiências, entendo esse caminhar entre autor e leitor um processo necessário na construção principalmente da “inter”, experencialidade. Partindo do princípio da amorosidade e poesias, jamais conseguirei descrever com palavras toda a grandeza dos momentos aprendidos com o coletivo ANE, tendo o silêncio como companheiro e junto uma câmera fotográfica, expressei de forma sublime os acontecimentos e experiências, poemas em forma de imagem no meu tempo.

Palavras chave: Diálogo, Coletivo, Poesia.

## **ABSTRACT**

The dialogue that I will establish in the writing that constitutes the account of my experiences and learnings in the Specialization in Alternatives for a New Education - ANE I quote dialogue because I understand it as something more than a simple conversation, because I learned from Paulo Freire (2003), “who dialogues, dialogues with someone about something ”, so I establish my thought based on practice and intertwining with the critical eye of the subject who now reads my experiences, I understand that walking between author and reader is a necessary process in the construction mainly of “inter”, experience. Based on the principle of loving-kindness and poetry, I will never be able to describe with words the greatness of the moments learned with the ANE collective, with silence as a companion and together with a photographic camera, sublimely expressed the events and experiences, poems in the form of images in the my time.

Keywords: Dialogue, Collective, Poetry

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARATI PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE GUARATUBA-PR	06
FIGURA 2 - RECEPÇÃO D. MARIA E Sr. ALFREDO	08
FIGURA 3 - ANTIGA ESCOLA DO PARATI	09
FIGURA 4 - EQUIPE DO TERCEIRO MUTIRÃO	10
FIGURA 5 - EDIVALDO RESPONSÁVEL PELO TRANSPORTE	10
FIGURA 6 - CASA CEDIDA PARA ESTADIA DOS ANEANOS	11
FIGURA 7 - D. IRENE E SR. AMILTON	11
FIGURA 8 - PRIMEIROS ANEANOS QUE FIZERAM O CAMINHO A PÉ	12
FIGURA 9 - EQUIPE ANE PALHOÇA	13
FIGURA 10 - VIVENCIA NA PRÓ – CREP	14
FIGURA 11 - FESTIVAL SOLIDÁRIO 2018	15
FIGURA 12 - VALE DA UTOPIA	16
FIGURA 13 - CAVERNA ONDE RESIDE VILMAR GODINHO	16
FIGURA 14 - CENTRO DE VISITANTES DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO TABULEIRO	17
FIGURA 15 - ATIVIDADE NA ESCOLA ESTADUAL PADRE VICENTE	18
FIGURA 16 - HELENA SINGER / VALENTIN SILVA	21
FIGURA 17 - VALDO CAVALLET, LUCI, CACIQUE DIONÍSIO	22
FIGURA 18 - TEREZINHA RIOS, CELSO VASCONCELOS, VALDO CAVALLET	24

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	01
2.	RELATO DE MINHAS EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS	02
3.	A ESCOLHA DA ESPECIALIZAÇÃO ANE	04
4.	A ESCOLHA PELA COMUNIDADE SALTO PARATI	05
5.	VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE AUTONOMIA NAS AÇÕES ANE PALHOÇA-SC	13
6.	VIVÊNCIAS ANE HELIOPÓLIS-SP	19
7.	VIVÊNCIAS ANE ALDEIA PINDOTY – PARANAGUÁ	22
8.	VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA NA CONANE BRASILIA	24
9.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
10.	REFERÊNCIAS	27

## 1. INTRODUÇÃO

Nesse dialogo que estabecerei dou início relatando minhas experiências em instituições totalmente voltadas para formar profissionais competitivos para o mercado de trabalho, descrevo a passagem e desistência em algumas instituições de ensino em minha trajetória e explico o principal motivo que me fez procurar a Especialização ANE no Setor UFPR – Litoral, em seguida a escolha por permanecer inserida, visto que minha permanência efetiva só vai se dar se realmente eu acreditar que é possível ver acontecer a fala concomitante com a prática, esse é um de meus princípios.

A ANE é um Coletivo, uma rede de pessoas que lutam pelo bem comum, por direitos de aprendizagem olhando para o particular de cada ser, no tempo de cada pessoa, tratando cada um em suas especificidades, fazendo diferente dos modelos impostos e que todos aceitam como normal, é mais fácil não se levantar e lutar, a zona de conforto faz bem pra quem não despertou a consciência de que não somos seres isolados, somos todos um só, é extremamente árdua a luta contra o sistema imposto, mas também é extremamente prazeroso ver e pautar que a sabedoria não precisa meramente de títulos.

Seguindo a explanação da escolha da pós ANE, conversaremos sobre meu Projeto desenvolvido na Comunidade Salto Parati, em Guaratuba, daremos fim ao nosso diálogo com fotos e algumas palavras que como já mencionei não conseguirão mostrar a riqueza das vivências em vários espaços onde a ANE atua com grandes e diversificados Educadores que realmente são e estão comprometidos com a forma Alternativa de Educar.

## 2. RELATO DE MINHAS EXPERIENCIAS ACADEMICAS

O processo de ensino que eu tive como experiência nas três tentativas de graduação antes de conhecer o Projeto Político Pedagógico UFPR - Setor Litoral foi a Abordagem Tradicional, se restringia em um processo de transmissão de informações na sala de aula funcionando como uma agência sistematizadora de uma cultura complexa. Era na verdade um depósito de informações que eu nunca dei conta de articular e fazer as devidas ligações necessárias, pois não eram baseadas em meu interesse de estudo, eram matérias repassadas de uma forma que era mais precioso conseguir ler e fazer as atividades, do que entender o tema, de modo que o professor deixava sempre claro a demanda que precisava cumprir e a Hierarquia que eu estava inserida, estudar significava decorar para a prova, e não aprender para criar conexões com as questões que nos envolvem nas mais diversas esferas. A forma com que se encontrava a sala de estudo me é muito marcante porque ficávamos todos de costas uns para com os outros e na frente o Professor que nunca foi um educador, sempre mantendo uma postura que causasse medo para manter a boa ordem dos alunos.

A Abordagem Tradicional trás o aluno como sujeito passivo, ele deveria apenas ouvir e reproduzir o conhecimento recebido e por si só desenvolver suas características sociais, políticas e humanas de uma forma que ele mesmo era responsável pelo seu desenvolvimento. A educação sempre vinha de professores que não se preocupavam com aluno e sim com metas e compromissos de conteúdo passado. A Abordagem Comportamentalista também segue a mesma linha colocando a suma importância no conhecimento como objeto principal esquecendo de qual o melhor método a ser escolhido para levar o conhecimento. O Aluno seria o produto do meio, de fácil manipulação, a ideia é só transmitir o conteúdo para a reprodução e não como educação para libertação do sujeito.

No ano de 2008 ingressei na Faculdade UNISEP na cidade de Dois Vizinhos PR, pelo Programa PROUNI, cursei um ano e meio de Sistemas de Informação do qual desisti quando fui representar a Instituição no Projeto Rondon 2009 - Operação Verão Centro-Norte, mais especificamente na cidade de Manaquiri no Amazonas, ficava totalmente incomodada de estar ensinando Lógica de Programação em JAVA numa sala fechada enquanto meus colegas estavam em meio àquela exuberante natureza Acolhedora, quando voltei da experiência por problemas familiares mudei

de cidade então decidi usar a Bolsa integral que tinha e transferir para o curso de Administração na Faculdade ISEPE em Guaratuba, cursei um semestre e mesmo tendo ótimas notas não consegui me adaptar, pensei que seria mais útil então se usasse minha energia e vontade de mudar o mundo fazendo o curso de Direito, obviamente não era isso que minha alma desejava já que me via novamente presa em uma sala de aula e em livros que não me encantavam. Em abril de 2010 conheci o Projeto UFPR – Litoral e meus olhos brilharam, segui todos os protocolos e passei em Gestão Ambiental, sempre muito encantada com a forma de ensino da Instituição me formei em 2014.

Os Educadores e até mesmo alguns ainda Professores que convivi durante a trajetória da graduação foram espetaculares, toda aula era uma verdadeira festa de aprendizado, aprendi a ser mais humana e quebrei muitos dos meus paradigmas na convivência com as diversas culturas que por ali transitavam, comprei algumas brigas e pude sentir que apesar de muita força de vontade eu ainda precisaria seguir alguns protocolos.

A autonomia e responsabilidade que sempre me deram foi primordial para que eu sentisse vontade de levar o conhecimento e minha força obtida através da Instituição para a Comunidade caiçara que sempre me acolheu.

### 3. A ESCOLHA DA ESPECIALIZAÇÃO ANE

As diversas práticas pedagogias que vem sido implantada ainda com muita resistência do sistema, mas que tem já um grande número de Educadores trabalhando é a Abordagem sociocultural, que consiste na valorização da cultura popular assim induzindo a democratização. No livro Pedagogia do Oprimido 1987 Paulo Freire nos fala, Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo, nessa abordagem com toda a experiência vivenciada fica nítida a necessidade de que cada vez mais tenhamos pessoas com essa visão apurada e crítica de que hoje os tempos são outros, precisamos fazer esse novo caminho com novas alternativas, priorizar um ensino de qualidade em que o sujeito interessado seja convidado a dar a sua contribuição, a sua forma de ajuda a partir do mundo em que ele vive, assim, experienciando essa nova realidade que cada um traz é totalmente possível criar um mundo com visão ampliada de conhecimento, com acolhimento a todos os saberes de forma que todos se sintam parte do processo para então a criação de um mundo mais digno e melhor pra se aprender e viver.

No final do ano de 2018 eu senti a necessidade de voltar a estudar, já estava quatro anos afastada dos trabalhos acadêmicos e confesso que sentia falta, necessitava me sentir envolvida em um projeto que acolhesse a comunidade, fui pesquisar no site da UFPR- Litoral um possível mestrado, então encontrei a Especialização ANE – tendo como coordenadora a Professora Lenir, me senti instigada pois sabia do empenho e dedicação com que ela conduzia o ato de Educar, no período da graduação, mais precisamente em um ICH participamos do mesmo grupo chamado Mosaich, foi uma vivência linda poder conhecer esse lado artista dessa pessoa encantada e inspiradora. Me candidatei a participar e assim ingressei na rede, apesar de ter alguns protocolos a serem seguidos todos os interessados em participar da rede ANE sempre serão bem vindos e acolhidos, entendendo que o mais importante é o aprendizado antes do título.

#### **4. A ESCOLHA PELA COMUNIDADE SALTO PARATI**

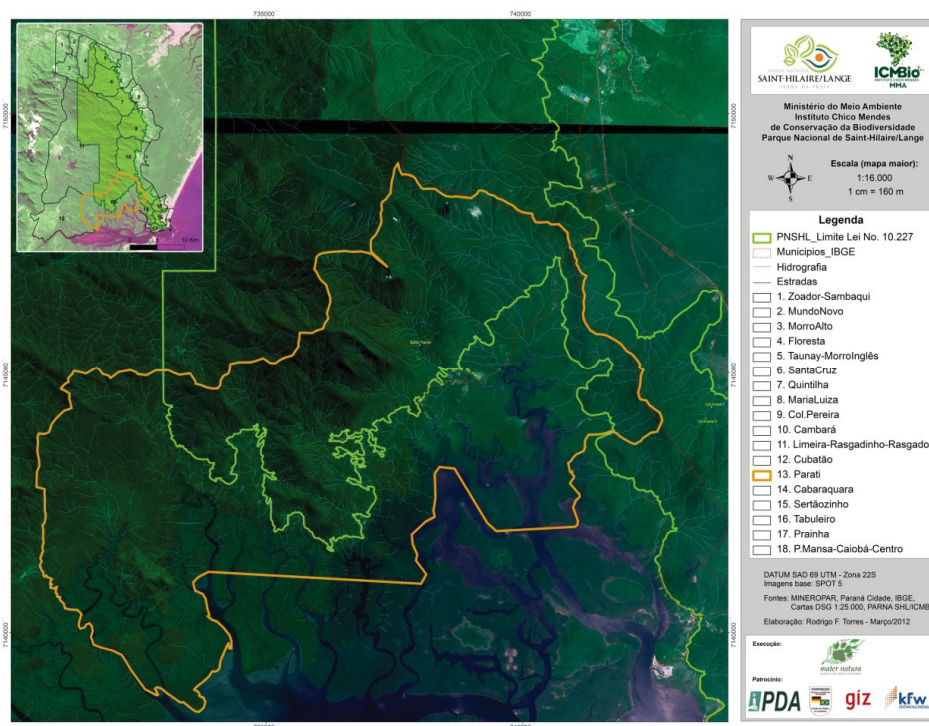
A Comunidade Tradicional Rural do Salto do Parati localiza-se no fundo da Baía de Guaratuba a 100 metros sobre o nível do mar (FIGURA 01), o acesso se dá pela estrada do Cambará, com entrada no Km 23 na Estrada Alexandra – Matinhos (PR 508) com poucos metros de Estrada seguindo então uma “estrada antiga” que agora é uma trilha de aproximadamente 07 Km, por embarcação saindo da Comunidade do Cabaraquara com duração de 40 minutos ou trilha a partir da mesma, quase que inacessível a quem não conhece bem a localidade devido a não conservação obrigatória pelos órgãos reguladores, ambos os trajetos se encontram dentro da Área de Proteção Ambiental de Guaratuba.

Segundo Sonda (2002) as comunidades do interior da baía de Guaratuba podem ser caracterizadas como tradicionais caiçaras, pois praticam a agricultura de subsistência, onde utilizam utensílios rudimentares para a realização dos trabalhos, como enxada, foice, facão entre outros para o cultivo de suas roças, sendo elas de mandioca, milho, cara entre outras, todas cultivadas sem o uso de agrotóxicos, e a força usada para o trabalho é baseada na cooperação entre as famílias moradoras locais em sua maioria apresentam um certo grau de parentesco.

No trabalho de Ferreira (2010) fica evidenciado o abandono dos órgãos governamentais para com as comunidades caiçaras, a ausência do estado no âmbito social e nas políticas públicas de desenvolvimento voltados para estas. Desta forma temos inúmeros conflitos ambientais, embates com estas comunidades que estão nestas regiões há muitas décadas, e que agora se sentem pressionadas a abandonarem seus locais de origem, acabando assim por perder seus valores culturais, ocorre então uma erosão cultural.

A Comunidade do Parati assim como outras que localizam se ao fundo e Sul da baía de Guaratuba sofrem pelo esquecimento nas questões sociais, são massacrados pela administração pública, não contam com unidades de saúde ou pronto atendimento, o acesso é precário e escolas municipais foram fechadas, fazendo com isso que os pais deixem seus trabalhos de lavoura e pesca para conduzir de embarcação seus filhos/e ou netos para a comunidade mais próxima, para que, a partir dali embarque no próximo veículo condutor até a escola onde vai estudar.

FIGURA 1. MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE PARATI PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE GUARATUBA-PR.



FONTE: [https://parnasainthilairelange.files.wordpress.com/2011/04/13-mapacomunidades\\_parati.jpg](https://parnasainthilairelange.files.wordpress.com/2011/04/13-mapacomunidades_parati.jpg)

Em pesquisa financiada pela Fundação Araucária, Ferreira e Brandão (2012) nos trazem dados exatos fornecidos pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) de como foi a situação do fechamento das escolas do campo entre o ano de 1990 até 2010, eles detalharam ano por ano seguido o crescente fechamento das escolas, constatando que em 2010 foi registrado um total de 194.939 estabelecimentos públicos e privados urbanos e rurais, deste total, 115.551 estavam localizados no perímetro urbano e 40,72%, ou seja, 79.388 no meio rural. Do total de estabelecimentos, 158.650 são públicos. Houve neste ano um total de 51.549.889 matrículas, sendo matriculados no perímetro urbano e, 6.437.958 matriculados em estabelecimentos públicos e privados nos perímetros rurais. A minuciosa análise dos dados trazidos pelos pesquisadores mostra que no período de 2002 a 2010, houve o fechamento oficial de 9,43% das escolas localizadas no perímetro rural. Havendo um aumento de mais de cem por cento no número de alunos transportados rumo aos centros urbanos, passa de 3.913.318 alunos em 2002, para 8.098.191 alunos no ano de 2009. No período entre 2003 a 2010, houve o fechamento autorizado pelos governos, de 2,8%, ou seja, 18.230 escolas públicas localizadas no meio urbano. Ficando

evidenciado uma política de fechamento de escolas públicas, principalmente no meio rural e uma política de supervalorização do transporte em detrimento das escolas do campo.

Pesquisando o site da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores Familiares do Estado do Paraná – FETAEP, o Sindicato traz dados do fechamento de escolas no campo e afirma que a negação do Direito Constitucional à Educação para a população camponesa refletirá, no futuro, em problemas sérios de sucessão rural, enfraquecimento da agricultura familiar, queda nos índices de qualidade de ensino. Discutem ainda que existem vários fatores que implicam nos cortes de repasses às políticas educacionais, analisando a situação ótica estadual. O repasse de recursos via FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), que estipula um valor nacional de R\$2.243,71 por ano/aluno – ignorando a especificidade do campo – levou muitos gestores municipais e estaduais a fecharem escolas por uma suposta falta de verba e pelo reduzido número de educandos.

Em pesquisa do projeto de extensão Cultura e Identidade da UFPR - Litoral em 2012, que se realizava na Comunidade São Joãozinho, Sul da baía de Guaratuba, quando indagada a secretária de educação de qual seria o maior motivo para o fechamento da Escola Rural Municipal da localidade alegou que o número de alunos matriculados não era suficiente para manter a unidade educacional aberta, segundo o MEC a exigência para manter uma escola aberta é de 15 estudantes regularmente matriculados.

O Poder Público não leva em consideração as grandes distâncias percorridas em estradas ruins para se chegar na escola, a má alimentação decorrente da demanda de tempo que exige dos alunos e não confere com os horários de alimentação das escolas (comida só recreio). Com todo esse caminho árduo que a criança precisa percorrer para ser alfabetizada muitas vezes acontece a evasão escolar ou então a evasão rural por parte de toda a família.

Com os dados e estudos que vem sendo feitos, mais intensos nessa última década, podemos afirmar que a profissionalização de crianças e jovens do campo precisa acontecer no Campo, precisa de Profissionais com olhares diferenciados, de modo que se ensine a partir da realidade em que vivem, um ensino pedagógico que reverencie e referencie valores como o cuidado com a terra, com as Águas pois é de onde tiram boa parte da alimentação e de comércio de subsistência, por se

tratar da relação que herdaram e que sabem muito bem desenvolver, é de suma importância ressaltar o forte papel dos lavrador/pescador na construção de um mundo mais humano.

O fortalecimento da Comunidade com a inserção das Alternativas para uma Nova Educação / ANE é o principal fator que me move, estar inserida na Comunidade do Salto Parati estudar o caso mais a fundo e poder interagir a princípio com as crianças, mas com o intuito de que eles tragam seus pais para os encontros.

A primeira visita à Comunidade do Parati aconteceu em maio de 2019, e tive como companheiros meus mediadores, Josililliam e Valentim, fomos recebidos pela D. Maria e Sr. Alfredo (FIGURA 02), figura muito conhecida na Comunidade por ser nativo da região e por representar a Associação durante muitos anos.

FIGURA 02: RECEPÇÃO D. MARIA E Sr. ALFREDO



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

José Pacheco em seu livro Dicionário de Valores (2012) fala sobre coerência, onde ele conta uma pequena história sobre um barco a remo que fazia a travessia de um rio. Em um dos remos tinha escrita a palavra “acreditar” no outro a palavra “agir”, o barqueiro

usando o remo que estava escrito “acreditar” mostrou que o barco começou a dar voltas, sem sair do lugar. Logo usando o remo em que estava escrito “agir” o barco deu voltas no sentido contrário. Usando então os dois remos em um mesmo movimento, o barco chegou até a outra margem. Deixando claro pelo impulso da escolha coerente chegou ao rumo certo. Acredito que seja muito importante a forma de abordagem na comunidade do Salto Parati, pois minha contribuição como ANEana precisa passar pela aceitação da Comunidade, e então estar respaldada para desenvolver as atividades das quais eu e Ariadne nos dispomos a desenvolver.

A Comunidade recebeu a ANE com muita alegria, realmente nos acolheram e criamos laços pra vida, a Associação de Moradores chamada de AMAP- Associação de Moradores e Amigos do Parati tem como Presidente a Marcia Espindola, mulher guerreira, técnica em enfermagem em matinhos que tem residência no Parati, também contamos com a ajuda da sempre prestativa e alegre Vanda Coradin, mulheres alto astral e batalhadoras, sempre junto em nossas ações, foram realizados vários mutirões de limpeza na antiga escolinha que estava abandonada(FIGURA 03).

Figura 3 – ANTIGA ESCOLA DO PARATI.



Fonte: Arquivos do autor, 2019.

Com uma equipe constituída em ex-alunos UFPR- Litoral e ANEanos não formais (FIGURA 04) fizemos um mutirão e limpamos a Escola, ficando somente a parte da estrutura para ser reformada, onde foi protocolado o pedido de reforma, junto ao setor responsável da Prefeitura de Guaratuba.

Figura 4 – Equipe do terceiro Mutirão.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

A maioria das viagens de barco que fizemos até a Comunidade quem nos conduziu foi o Edivaldo (FIGURA 05), Pai das únicas alunas que ainda resistem e continuam morando na Comunidade, Valdo como todos o conhecem é aluno da UFPR – Litoral da Educação do Campo, recebemos apoio também do Nelsinho na condução e do Nereu de Oliveira que cedeu sua casa (FIGURA 06) para nosso repouso e estadia todo o tempo necessário.

Figura 5 – Edivaldo responsável pelo transporte.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Figura 6 – Casa cedida para estadia dos ANEanos.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Realizamos algumas ações na Comunidade com um número limitado de convidados devido a logística do barco, as atividades consistiram na apresentação do Local onde fica a Antiga Escola Rural Municipal, roda de conversa com alguns moradores que se dispunham a falar sobre seu lugar, dona Irene e Sr. Amilton (FIGURA 07) sempre foram muito dispostos a participar e acolher todos que por lá chegavam. Sempre que possível fazíamos com que na vivência os convidados percorressem o caminho até a famosa Cachoeira que existe no local, chamada de Cachoeira Salto Parati.

Figura 7 – D. Irene e Sr. Amilton



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Durante a organização de uma Ação ANE nos deparamos com um pessoal mais revolucionário e super-resistente, ANEanos que se dispuseram a fazer o percurso a pé,

pela antiga estrada desativada que era a única pra se chegar até a comunidade. Foram nove quilômetros percorridos em aproximadamente três horas, hasteamos a Bandeira ANE na cachoeira (FIGURA 08) pra marcar um início de uma trajetória árdua, mas possível.

Figura 8 – Primeiros ANEanos que fizeram o caminho a pé.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

As ações ANE PARA TI precisam ter continuidade, criamos laços e acredito que há muita caminhada pela frente, acredito que na nova turma ANE irão chegar pessoas interessadas na pesquisa e contato com a rica cultura, biodiversidade e que sejam tão inconformados como eu, com o descaso do poder público diante a falta de recursos, principalmente na área da educação na Comunidade.

## 5. VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE AUTONOMIA NAS AÇÕES ANE PALHOÇA

Se pudesse descrever com um símbolo tudo que vivi na Guarda do Embaú e na Pinheira seria um coração...

No início de nossos encontros conheci e tive a oportunidade de criar laços profundos de amizades com a equipe ANE Palhoça que estavam se propondo a vir todo mês nos encontros ANE em Matinhos (FIGURA 09). No Município de Palhoça em Santa Catarina, desde o ano de 2014 existe uma parceria entre UFPR-Litoral e a PRO-CREP que é um Projeto de Reciclagem de resíduos e de pessoas, no início eram sete integrantes e durante o decorrer do tempo ficaram três e já no fim duas grandes guerreiras pra representar as que por motivos delicados precisaram se ausentar.

Figura 9 – Equipe ANE Palhoça



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

O Projeto PRO – CREP tem como Coordenadora a professora Hélia dos Santos que tem uma história de 26 anos de trabalho com a comunidade. Em 2018 a Hélia foi convidada a fazer parte como Educadora da rede ANE e também realizou - se um processo seletivo para que alunos interessados em ampliar e agregar conhecimentos da cidade de Palhoça viessem participar da ANE em Matinhos. Toda

a Comunidade UFPR/ANE teve a oportunidade de participar de vivências que aconteceram nas dependências da PRÓ- CREP (FIGURA 10), onde ouvíamos histórias de vida de algumas pessoas e podíamos adentrar o mundo tão rico de aprendizados que cada um dos envolvidos faz questão de demonstrar.

A PRÓ-CREP faz um importante trabalho de reciclagem de resíduos e também de reciclagem de vidas.

Figura 10 – Vivência na PRÓ - CREP



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Devido a minha disponibilidade eu pude participar de todas as vivências ANE realizadas na Cidade de Palhoça, em cada novo encontro sempre com mais afinidade e conhecimento para ajudar a organizar as saídas, participei nas temáticas de logística, organização de alojamentos, listas de participação, apresentação do Projeto e acolhimento aos alunos que se dispuseram a fazer a longa viagem na Vivência ANE Palhoça.

Em toda vivência tivemos desafios diferentes, alunos conhecedores da grande rede ANE e, portanto, gentis a cada parte do processo, que visto se tratando de pessoas com interculturalidades nunca se prendem ao formalismo e assim entendemos que cada um tem seu próprio tempo de estabelecer as conexões necessárias. Tivemos algumas experiências de aprendizado e outras de ensinar, quando alunos que estavam pela primeira vez participando e conhecendo a ANE, tiveram comportamentos individualistas, compreensível quando não se está de

coração aberto as novas práticas, mas que o coletivo acolheu com carinho e foi um rico aprendizado.

Foram muitas as temáticas abordadas nas vivências, ficaram marcas com muita intensidade da participação nas atividades, onde realmente fui tomada por sentimentos plenos de alegria, gratidão e conhecimento. A primeira vivência foi o Festival Solidário em 2018 (FIGURA 11), onde a Comunidade PRÓ-CREP se juntou a Comunidade de artistas locais e moradores, construindo junto o evento, trazendo muita arte, encantos e aprendizados peculiares daquele lugar.

Figura 11 – Festival Solidário 2018



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Em junho do ano de 2019 o coletivo fez o percurso pra conhecer o Vale da Utopia (FIGURA 12), saindo da Guarda do Embaú com chegada à Pinheira, nessa caminhada fizemos parada em uma caverna (FIGURA 13) onde há 28 anos reside o Vilmar Godinho, ele tem 58 anos, pai de um menino de 18 anos chamado Huanan, é formado em Jornalismo e nos contou que foi passear no Vale e nunca mais quis sair de lá, gaúcho de Porto Alegre ele sempre gostou da vida simples junto a natureza, nunca teve muitas ambições em relação ao trabalho e dinheiro.

Figura 12 – Vale da Utopia,



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Vilmar Godinho sempre teve o apoio de Wilson Rio Apa que herdou da família a posse daquelas terras antes da implantação do Parque Serra do Tabuleiro, o ministério Público já tentou várias liminares de despejo de Vilmar do local, todas sem sucesso e ainda contando com a ajuda da comunidade, onde já realizaram várias manifestações em defesa do Guardiã do Vale, como carinhosamente o chamam.

Uma frase dita depois de um longo silêncio, como se ele não quisesse incomodar os animais que por ali vivem num volume de voz super baixo, Vilmar disse que o proposito dele ali foi procurar resgatar a relação do ser humano com a natureza, disse não ter receio de nada e que vive ali muito tranquilo em perfeito acordo com fauna e flora.

Figura 13 – Caverna onde reside Vilmar Godinho,



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Por meio de uma vivencia ANE pudemos conhecer o Parque do Tabuleiro (FIGURA 14) onde nascem vários rios que abastecem a região de Florianópolis, ele protege uma grande biodiversidade e abundância de recursos naturais. A beleza das paisagens preservadas movimenta o turismo e a economia da região onde também é fonte de diversas pesquisas científicas e atividades educativas no centro de visitantes do Parque.

Figura 14 – Centro de visitantes do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro,



Fonte: Arquivo da fotógrafa Samyra, 2019.

A amizade que construí com as ANEanas de Palhoça me deixou muito livre para o ir e vir até lá, sempre me senti muito acolhida por todos, o meu encantamento pela cidade me fez querer estar sempre na companhia da Renata, Mariama e principalmente da Lisa (FIGURA 15) meiga e guerreira, que durante a trajetória ANE sofreu um Infarte, isso impossibilitou-a de comparecer nos encontros e algumas vivencias, mas, nas atividades locais procurava sempre estar presente.

Figura 15 – Atividade na Escola Estadual Padre Vicente – Lisa, Luci, Renata e Mariama.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

## 6. VIVÊNCIAS ANE HELIÓPOLIS

“As casas se equilibram pelas encostas dos morros, acompanham o traçado sinuoso dos córregos, se esparramam por vales, elas parecem começar umas nas outras alinhavadas por uma sequência de portas e janelas”. Márcia Cunha

A área de Heliópolis foi adquirida em 1942 pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários – IAPI, do Conde Sílvio Álvares Penteado e outros. Em 1966, com a unificação dos diversos Institutos do INPS – Instituto Nacional de Previdência Social, a terra passou para o IAPAS – Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social. Em 1969 o IAPAS construiu o Hospital Heliópolis e o Posto de Assistência Médica – PAM. Outra parte do terreno original foi desapropriada pelo estado para uso da SABESP e outra parte foi negociada com a Petrobras. É nessa paisagem que, entre 1971 e 1972, a Prefeitura de São Paulo retira 153 famílias de áreas ocupadas na favela da Vila Prudente e Vergueiro, com a intenção de fazer vias públicas e as acomoda em alojamentos “provisórios” no terreno do IAPAS, alojamentos estes que se tornaram permanentes. Outras famílias migrantes do nordeste do país, bem como os trabalhadores da obra do Hospital Heliópolis e do PAM foram construindo seus barracos. A partir daí a história é marcada por diversas ocorrências envolvendo a disputa de grileiros, que pretendiam impedir as ocupações e assim comercializar a terra que não lhes pertencia e de lutas contra a polícia, mas também pela mobilização dos moradores e pelo surgimento de lideranças em defesa da posse da terra e de infraestrutura.

Heliópolis possui aproximadamente 1 milhão de metros quadrados e se localiza na região sudeste da cidade de São Paulo, a 8 km do centro. Em sua área, hoje vivem cerca de 200 mil habitantes, o que faz de Heliópolis a maior favela de São Paulo. Os barracos deram origem as construções de alvenaria. A realidade do território mudou muito ao longo dos anos, mas o crescimento populacional também trouxe diversos novos problemas locais. A vulnerabilidade social ainda atinge muitas famílias, que em sua maioria é composta por mães solo, sendo a mãe a única provedora.

Em toda minha trajetória de vida acadêmica, eu nunca tinha ouvido falar em Heliópolis, conheci através da vivência ANE que realiza projetos em conjunto com os Educadores do local. A primeira vez que me senti instigada a conhecer esse mundo tão diferente do chão que sempre pisei, fui com medo confesso, pois afinal o nosso tão comum

sistema de apresentar o mundo é bem falho, a televisão. Sempre que vemos alguma matéria televisionada é sempre uma versão bem diferente da verdadeira realidade.

Particpei de duas vivencias em Heliópolis a primeira foi em um evento onde o João Miranda e sua esposa Genésia ganharam o título de cidadão Paulistano, uma super comemoração com muitas autoridades representativas, a exemplo do ex Senador Eduardo Suplicy.

Foi uma experiência muito rica estar inserida em um meio tão vasto de conhecimento e força de vontade que aquelas pessoas se mostram, em observação mais atenta percebi que as crianças que participam dos vários projetos educacionais, muito bem tratadas e com possibilidades de estudos com profissionais muito bem preparados, percebi aulas de balé, de música e natação, todas as aulas sem nenhum custo, inclusão de verdade.

A segunda oportunidade de vivência foi o IX Seminário Heliópolis Bairro Educador – Educação contra a Barbárie onde vários Educadores conceituados estiveram presentes, particpei das atividades: A Educação Pública em Perigo e Inovação na Educação Popular. A primeira atividade foi ministrada pela Sonia Kruppa autora do livro Sociologia na Educação, o tema central da atividade foi concentrado nas condições precárias que a Educação vem enfrentando, ela trouxe dados estatísticos alarmantes e também explanou a seu modo de pensar as diversas duvidas e curiosidades de quem a assistia.

A Inovação na Educação Popular foi o tema da atividade que apresentaram Helena Singer e Valentin Silva (FIGURA 16), Helena Singer falou sobre experiências inovadoras que ela vem acompanhando sobre o desenvolvimento nos últimos anos em que implantadas deixam de existir o isolamento a fragmentação e a descontinuidade nos processos Educacionais. O Professor Valentin explanou a Inovadora forma de aprender pra vida que traz o Programa Político Pedagógico UFPR – Setor Litoral.

Figura 16 – Helena Singer / Valentin Silva.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Desde que estive na vivencia em Heliópolis não assisto mais o meio de comunicação chamado televisão, bem contraditório as imagens que são mostradas da realidade de quem lá vive ou pisa naquele chão e se reconhece povo que luta e que sofre com as injustiças.

## 7. VIVÊNCIAS ANE ALDEIA PINDOTY – PARANAGUÁ

A Escola Estadual Indígena Pindoty fica localizada na Ilha da Cotinga no Município de Paranaguá, foi inaugurada no final dos anos 80 através de solicitação do então Cacique João da Silva. Nesse momento a Escola ofertava o Ensino Fundamental o principal objetivo era a aprendizagem na língua Guarani após a conclusão as crianças precisavam se deslocar para a cidade através de transporte marítimo. A permanência das crianças fora da Aldeia era motivo do preconceito por causa da identidade étnica, no ano de 2017 foi então inaugurado o novo espaço na Aldeia para a educação infantil e o ensino fundamental II, facilitando a permanência dos adolescentes e jovens na vida escolar.

O acesso na Aldeia de Juruá, como eles nos chamam, não é livre, através de ações ANE de duas companheiras que fazem parte da rede, foram abertas as portas para o nosso acesso. Foi uma imensa satisfação entrar nesse mundo tão culturalmente rico, cada palavra, gesto e atenção a nós disponibilizada não tem outra palavra pra descrever a não ser GRATIDÃO.

Conhecer e ouvir o Cacique Dionísio (FIGURA 17), foi como um balsamo para aliviar as dores diante dos desencantos. Em pergunta feita a ele sobre o triste cenário em que se passamos devido ao novo Presidente eleito, ele nos fala que já passaram por muitos momentos ruins em toda a história da Cultura Guarani e que esse tempo ruim também vai passar e sua cultura resistir.

Figura 17 – Valdo Cavallet, Luci, Cacique Dionísio.



Fonte: Arquivo do autor, 2019

Cacique Dionísio atua como professor da Língua Guarani e nos conta que sempre está envolvido em projetos ligados ao Meio Ambiente, como roças e plantio de hortas, limpeza da beira mar e outros ligados a sustentabilidade, como a pesca e plantio de mudas de palmito e outras, ele fala que procura sempre transmitir aos parentes através da cultura a consciência e cuidados com a natureza, demonstrar o respeito com a mata, o rio, os peixes, o mar, os pássaros e tudo que está ao nosso redor.

## 8. VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA NA CONANE BRASÍLIA

No período de 18 a 23 de junho de 2019 aconteceu a IV CONANE Nacional – DF na Universidade de Brasília, um evento revolucionário na área da Educação, desde a sua construção até o esperado evento, houve muitas organizações envolvidas, nossa super comissão engajada representando a ANE – UFPR Setor Litoral, esferas públicas, Associações sem fins lucrativos, Movimento Sem Terra, USP, Escola da Arvore, Território do Brincar, Instituto Paranoá, CEARTE, Pro-Crep e muitos outros.

O meu objetivo enquanto ANEana nesse evento foi de observar como acontece o processo educacional nos diferentes territórios e como ele é recebido pelo poder público e sociedade, também pelos relatos de vivências entender como é elaborado e aplicado as novas alternativas de educação em lugares com outras culturas. Nesse encontro conversei e ouvi debates de pessoas que realmente lutam pela educação transformadora, a exemplo de Terezinha Rios, Celso Vasconcelos, Valdo Cavallet (FIGURA 18), Sônia Goulart, Eros Guimarães, Célia Xacriabá, Lucas Dantas, Francéli Brizolla, Tamine Cauchioli entre muitos outros que me fascinaram com sua fala e modo de ser e agir na educação.

Figura 18 – Terezinha Rios, Celso Vasconcelos, Valdo Cavallet.



Fonte: Arquivo do autor, 2019

Os temas abordados foram bastante diversificados, ficando à escolha de cada participante a temática, visto que a conferência era muito ampla e abrangente, eu escolhi os temas que mais agregariam as pesquisas que faço sobre Políticas Públicas, Educação Inclusiva, Dialogicidade, Interculturalidade, Educação Infantil, Educação e Juventude Negra, Ensino Médio Inovador e Educação e Resistência Cultural. As formas de apresentações contemplaram as expectativas da grande maioria do público que se realizaram em forma de oficinas, roda viva, roda de conversa, apresentações culturais e diálogos com os educadores.

A nossa participação enquanto ANE – UFPR Setor Litoral começou muito antes da data do evento pois foi preciso arrecadar fundos para pagar parte da viagem, devido ao Senhor Presidente ter retido verbas das Universidades, foi então desde essa fase que ficou claro que todos estão junto na luta, muitos Educadores da rede ANE não foram mas investiram em nós que tínhamos tempo e interesse em ir vivenciar, aprender e se disponibilizar a repassar o conhecimento adquirido.

A ANE sempre me deixou claro três princípios, Autonomia, responsabilidade e Solidariedade, foi assim que eu tomei frente e me dispus a organizar o alojamento de quem optou por ficar nas barracas por não ter condições de pagar uma pousada, o local estava localizado a 24 Km de distância do prédio da Universidade Nacional de Brasília, precisávamos sair muito cedo pra chegar no horário e saímos tarde pra voltar pro alojamento, foi muito exaustivo mas a conexão que estabelecemos entre todos foi tão profunda e forte que mesmo estando fora da CONANE ainda assim debatíamos assuntos relacionados as temáticas que foram apresentadas, em roda de uma fogueira com alguns alimentos, música de instrumentos que nunca havia visto de perto como o didgeridoo, foi realmente uma vivência incrível, com aprendizados pra vida, folego para nossos educadores em tempos de tamanha monstruosidade que vem acontecendo com a posse do novo Presidente.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede de Educadores ANE vai além do que ela se propõe, de início acreditamos que estando inseridos iremos mudar a realidade de um determinado lugar ou de pessoas com as quais convivemos e não concordamos com algumas atitudes, passado um tempo de vivências é possível observar que quem se transforma sou eu, no meu modo de sentir, de agir, de observar e de aceitar o outro como ele é, no seu tempo, apenas respeitando o ser humano que ele é.

Em um ano e meio de convivência com os educadores que encontrei me senti muito acolhida, a grande maioria vinda da Licenciatura com suas carreiras consolidadas. Minha situação é diferente não atuo na área da Licenciatura e como cito no dialogo acima, estava muito tempo fora da academia, me sentindo incomodada com a forma que a Educação vem sendo conduzida, no entanto parada no tempo, quando decido ser ANE firmo o propósito de juntos melhorarmos a vida do coletivo.

Mudando a visão que tenho sobre as minhas atitudes perante o mundo eu consigo mudar o local do qual faço parte, minha casa, minha família, meus amigos, meu trabalho. A socialização e o compartilhar da Rede ANE nos dá ânimo de levantar a bandeira da paz, pegar na mão do aliado e mesmo ferido ter a coragem para continuar lutando.

Finalizando esse período de tempo de um ano e meio em que exige os protocolos, mas, que seguirei a rede ANE pra sempre, levo no peito a grande admiração e respeito por todos aos educadores que realmente usam o amor para a informação instrutiva, como nos fala Maturana (2001), nas relações sociais legítimas não há espaço para competições, a competição é a negação do outro, e isso é negar o amor, por muito tempo acreditou-se que a competição era uma forma de progresso, hoje vemos que a competição nos deixa cegos, nega o outro e reduz a criatividade, reduzindo as circunstâncias da coexistência.

As Novas Alternativas para Educação é um processo que construímos juntos baseado na cooperação, nada fácil, mas muito rico em aprendizado se soubermos aliar à educação emancipatória, esse é o verdadeiro sentido da Educação para a vida, para o Amor.

## 10. REFERENCIAS

FERREIRA, M.R. **Comunidades rurais de Guaratuba-Paraná: os limites e as possibilidades da opção extrativista como meio de vida no contexto do desenvolvimento rural sustentável**. 220 f. Tese (Doutorado em Agronomia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

FERREIRA, F.J.; BRANDÃO, E.C. (2012). **Educação e Políticas de fechamento de Escolas do Campo**. Disponível em: <[http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt1/educacao\\_e\\_politica.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt1/educacao_e_politica.pdf)> Acesso em 03/03/2019 as 10hs10min.

FETAEP SINDICATO – **Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores Familiares do Estado do Paraná**. Curitiba/PR, 2015. Disponível em: <<http://www.fetaep.org.br/noticia/alerta-fechamento-de-escolas-do-campo-no-parana>> Acesso em: 06/03/2019 as 08hs05min.

FREIRE, Paulo. (1979). **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (1987). **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. 1.ed. São Paulo: Edições SM, 2012. Site unas <<https://www.unas.org.br/memorias>>

SONDA, C. **Comunidades Rurais de Trabalhadores da Área de Proteção Ambiental de Guaratuba**: Caracterização Socioeconômica e utilização dos recursos vegetais silvestres. 193 f. tese (Doutorado em Ciências Florestais), Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.